

O pensamento de Santo Agostinho

Teoria

O que é Patrística?

Patrística diz respeito ao surgimento da filosofia cristã e à atividade dos chamados “Pais da Igreja”, bem como ao período de transição entre a Antiguidade e a Idade Média. Embora não haja consenso sobre as datas de início e término desse período, podemos compreendê-lo a partir de alguns eventos importantes. Um deles, o marco inicial, são as Epístolas de São Paulo e o Evangelho de São João (séc. I d.C.). O outro, o marco final, a morte de Santo Agostinho, bispo de Hipona (séc. V d.C.), considerado um dos principais nomes da Patrística.

Divide-se a Patrística em **patrística grega** (ligada à Igreja de Bizâncio) e **patrística latina** (ligada à Igreja de Roma), e seus nomes mais importantes foram: Justino, Tertuliano, Atenágoras, Orígenes, Clemente, Eusébio, Santo Ambrósio, São Gregório de Nazianzo, São João Crisóstomo, Isidoro de Sevilha, Santo Agostinho, Beda e Boécio.

Agostinho de Hipona (Santo Agostinho)

Nascido em 354 d.C., em Tagaste (atual Argélia), Aurelius Augustinus, Santo Agostinho, ou simplesmente Agostinho de Hipona, foi o maior nome da Patrística. De origem pagã, por parte de pai, e cristã, por parte de mãe (Santa Mônica), Agostinho teve acesso a uma educação clássica, isto é, o chamado *trivium* (Lógica, Gramática e Retórica). A partir de sua prática intelectual, teve contato com diversas doutrinas de pensamento, como o ecletismo, o maniqueísmo, o estoicismo, o ceticismo e o neoplatonismo (sobretudo através de Plotino e Porfírio).

Diz-se que, após a leitura de *Hortensius*, diálogo de Cícero que não chegou até nós, Agostinho passou a empreender uma busca pela verdade. Não encontrando a verdade que buscava no Maniqueísmo (seita teológico-filosófica que pregava o materialismo e o dualismo entre Bem e Mal), ele se converte ao cristianismo em 387 d.C., tocado pelas pregações de Santo Ambrósio.

No momento da conversão, Agostinho contava 33 anos e era pai de um filho, fruto da sua relação com uma concubina (termo usado para designar uma mulher que vive maritalmente com um homem sem estar casada com ele). Em sua obra intitulada *Confissões*, ele narra toda a trajetória anterior e posterior à conversão, demonstrando como Deus havia conduzido a sua vida.

Influência platônica

No pensamento filosófico de Agostinho podemos identificar componentes das várias correntes com as quais o autor teve contato. A mais importante delas é o **pensamento platônico**, majoritário nas concepções agostinianas. Podemos citar, por exemplo, a primazia da ideia sobre a matéria, que aparece no dualismo entre a alma e o corpo, sendo a alma o caminho para se alcançar a iluminação divina, que permite o conhecimento verdadeiro, e o corpo imperfeito, tal como no mundo sensível de Platão.

Outra dualidade importante é aquela entre a **Cidade de Deus** e a **Cidade dos Homens**, o que também nos remete à divisão entre o mundo inteligível e o mundo sensível. Para Agostinho, a Cidade dos Homens, terrena e guiada pelos interesses humanos, é o lugar da desarmonia, da injustiça, da corrupção e da morte. A Cidade de Deus, por sua vez, celeste e guiada por princípios divinos, é o lugar da harmonia, da justiça, da felicidade e da paz. Segundo Agostinho, um dia a Cidade de Deus irá prevalecer sobre a Cidade dos Homens.

Fé e razão

Baseando-se na passagem bíblica: “Se não crerdes, não compreendereis” (Isaías, 7:9), Agostinho soluciona a dicotomia entre fé e razão. Para ele, não se trata de coisas opostas, mas sim complementares. A razão, entendida como uma **luz natural**, é um dom divino e, por isso mesmo, deve ser utilizada.

Porém, por sua natureza corrompida pelo pecado original, a mente humana não é capaz de alcançar a verdade apenas com o auxílio da racionalidade. Por isso, o homem necessita da fé, que corresponde à **luz divina**, que ativa o intelecto humano para que ele possa alcançar a verdade revelada. Note que, embora a razão explique logicamente o conteúdo da verdade, ela está a serviço da fé.

Doutrina da iluminação divina

A partir dessa relação entre fé e razão, bem como da **teoria platônica da reminiscência**, Agostinho nos diz: “Não te dirijas para fora, regressa a ti mesmo; no homem interior habita a verdade (...)”. Na teoria platônica da reminiscência, a alma traz consigo o conhecimento da verdade, isto é, das ideias perfeitas e eternas que contemplou no mundo inteligível, porém ao se unir ao corpo, ela se esquece desse conhecimento e, para acessá-lo novamente, precisa da dialética e da filosofia.

Agostinho, por sua vez, descreve um processo muito semelhante, no entanto as ideias perfeitas e imutáveis não estão no mundo inteligível, mas sim na própria **mente de Deus**. Deus é quem as coloca em nós. Porém, a nossa natureza pecaminosa limita a razão, que precisa ser iluminada pela fé para ter acesso à verdade. Desse modo, a razão explica aquilo que, anteriormente, foi revelado pela fé.

Problema do mal

O problema acerca da origem e da existência do mal é anterior ao próprio Agostinho e pode ser formulado pelo Trilema Paradoxal atribuído a Epicuro, que consiste em três afirmativas, nas quais a aceitação da validade de duas delas exclui, necessariamente, a validade da terceira. Vejamos as afirmativas:

- **Deus é Onibenevolente:** absolutamente bondoso;
- **Deus é Onisciente:** tem absoluta ciência de tudo, conhece tudo;
- **Deus é Onipotente:** tem poder ilimitado, pode tudo.

Partindo da premissa de que o mal existe, se tentarmos unir essas três afirmativas numa mesma realidade encontraremos os seguintes problemas:

- **Se Deus é Onisciente e Onipotente:** Ele possui conhecimento da existência do mal e poder para acabar com ela; logo, se não o faz é porque não é Onibenevolente, pois não pode ser absolutamente bom permitindo a existência do mal.
- **Se Deus é Onipotente e Onibenevolente:** Ele possui poder para acabar com o mal e desejo de assim fazê-lo; logo, se não o faz é porque não é Onisciente, pois não tem conhecimento da existência do mal.
- **Se Deus é Onisciente e Onibenevolente:** Ele tem conhecimento da existência do mal e desejo de acabar com ela; logo, se não o faz é porque não é Onipotente, pois não tem poder para tal.

Assim, Epicuro parece ter provado que, caso o mal exista, não é possível que Deus tenha, ao mesmo tempo, três dos seus atributos mais importantes, quais sejam, Onipotência, Onisciência e Onibenevolência. Note que, para que o paradoxo de Epicuro funcione, é necessário admitir a existência do mal. É exatamente por aí que Agostinho começa a refutá-lo.

Opondo-se à ideia de que Deus, sendo fonte de todas as coisas, teria criado o mal, bem como à concepção maniqueísta, segundo a qual Bem e Mal existem enquanto entidades concretas, Agostinho contra-argumenta, basicamente, nos seguintes termos: primeiro, sendo Deus a fonte da Suprema Bondade, Ele jamais poderia criar o seu contrário, portanto o mal não é uma obra de Deus; segundo, o mal não possui existência real, pois é apenas a ausência do Bem. Desse modo, o mal moral sucede ao homem quando ele, por escolha própria, se afasta de Deus e passa a buscar as coisas do mundo.

O livre-arbítrio

Na primeira parte do livro intitulado *Livre-arbítrio*, Agostinho de Hipona, em um diálogo com Evódio, defende que existem duas maneiras de compreender a maldade, quais sejam, o **mal que nós sofremos** e o **mal que nós praticamos**. No que diz respeito ao mal que praticamos, nós mesmos somos os autores. No que diz respeito ao mal que nós sofremos, seja uma ofensa, um prejuízo ou mesmo uma doença, a origem desse mal é o próprio Deus, uma vez que Ele rege todas as coisas.

No entanto, ainda que nós não saibamos, o mal que vem de Deus tem sempre uma causa justa, seja ela uma punição, uma provação ou uma oportunidade de crescimento espiritual. Portanto, não é propriamente um mal. O mal que nós praticamos, por sua vez, surge da **vontade corrompida**.

Na segunda parte do livro, Agostinho se pergunta porque Deus deu o **livre-arbítrio** para o homem se Ele sabia que o homem iria pecar. Para responder a essa questão, é preciso investigar, primeiro, se Deus existe; se Ele é o criador de todas as coisas boas; e se o livre-arbítrio é um bem.

A partir daí, Agostinho chega à prova racional de que Deus existe e é bom; e de que tudo o que existe no Universo é bom, inclusive o livre-arbítrio. Nesse sentido, se Deus não tivesse dado o livre-arbítrio para o homem, ele seria um autômato e, portanto, não poderia praticar ações morais, nem ser premiado, nem castigado por suas obras. Assim, justamente pelo fato de que Deus pune os pecados e premia as boas obras, pode-se concluir que o livre-arbítrio é a causa do mal.

Entretanto, Deus não deu o livre-arbítrio para que o homem pecasse, o homem é que o utiliza de maneira desviante. Esse desvio da vontade corresponde ao que Agostinho denomina de **aversão**. Ora, se a conversão significa "voltar-se para Deus", a aversão significa "dar as costas", ou "afastar-se de Deus". Assim, se Deus é o ser, afastar-se Dele é ir para o não ser, ou seja, para o nada. Dessa forma, o mal consiste apenas na privação do bem.

Na terceira parte do livro, Agostinho propõe que o homem, por sua própria vontade, se afastou de Deus, através do Pecado Original, mas não depende exclusivamente da vontade para voltar para Ele, pois a vontade, assim como a própria natureza humana, foi corrompida pelo orgulho. Com isso, para que o homem possa voltar-se novamente para Deus, é necessário que haja a **Graça divina**.

Predestinação e a doutrina da graça

O homem, pecador por natureza, deve se esforçar para se aproximar de Deus. Apesar disso, seu esforço não é suficiente. No pensamento agostiniano, todo poder está em Deus, e o homem não é capaz de, sozinho, dar resolução a nenhum problema. A salvação só pode ser alcançada mediante o auxílio da Graça divina. Contudo, segundo Agostinho, nem todos foram escolhidos por Deus para serem salvos. Portanto, aqueles que serão salvos foram previamente selecionados, ou seja, foram **predestinados à salvação**.

Exercícios de fixação

1. Em que obra Agostinho relata a sua trajetória anterior e posterior à conversão ao cristianismo?
(A) Suma Teológica.
(B) Hortensius.
(C) Confissões.
(D) Cidade de Deus.

 2. Agostinho sofreu forte influência do Neoplatonismo, sobretudo através de:
a) Plotino.
b) Tertuliano.
c) Pedro Abelardo.
d) Tomás de Aquino.

 3. Como ficou conhecida a união, feita por Agostinho, entre o pensamento grego e os dogmas cristãos?
(A) Maniqueísmo.
(B) Aristotelismo cristão.
(C) Platonismo cristão.
(D) Neoplatonismo.

 4. Assim como Justino, Agostinho defendia o uso da razão, por entendê-la como:
(A) Um dom divino.
(B) Uma fonte de heresia.
(C) Uma coisa pagã.
(D) Uma ilusão humana.

 5. Explique a ideia do mal como sendo a privação do bem.
-

Exercícios de vestibulares



1. (UFU, 2010 - adaptada) "A filosofia de Agostinho (354 – 430) é estreitamente devedora do platonismo cristão milanês: foi nas traduções de Mário Vitorino que leu os textos de Plotino e de Porfírio, cujo espiritualismo devia aproximá-lo do cristianismo. Ouvindo sermões de Ambrósio, influenciados por Plotino, que Agostinho venceu suas últimas resistências (de tornar-se cristão)"

PEPIN, Jean. Santo Agostinho e a patrística ocidental. In: CHÂTELET, François (org.) A Filosofia medieval. Rio de Janeiro Zahar Editores: 1983, p.77.

Apesar de ter sido influenciado pela filosofia de Platão, por meio dos escritos de Plotino, o pensamento de Agostinho apresenta muitas diferenças se comparado ao pensamento de Platão.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, uma dessas diferenças:

- (A) Para Agostinho, é possível ao ser humano obter o conhecimento verdadeiro, enquanto, para Platão, a verdade a respeito do mundo é inacessível ao ser humano.
 - (B) Para Platão, a verdadeira realidade encontra-se no mundo das Ideias, enquanto para Agostinho não existe nenhuma realidade além do mundo natural em que vivemos.
 - (C) Para Agostinho, a alma é imortal, enquanto para Platão a alma não é imortal, já que é apenas a forma do corpo.
 - (D) Para Platão, o conhecimento é, na verdade, reminiscência, a alma reconhece as Ideias que ela contemplou antes de nascer; Agostinho diz que o conhecimento é resultado da Iluminação divina, a centelha de Deus que existe em cada um.
 - (E) Para Agostinho, é possível alcançar o conhecimento verdadeiro através dos sentidos, enquanto para Platão, apenas através da fé.
2. (UFU, 2012 - adaptada) "Na medida em que o Cristianismo se consolidava, a partir do século II, vários pensadores, convertidos à nova fé e, aproveitando-se de elementos da filosofia greco-romana que eles conheciam bem, começaram a elaborar textos sobre a fé e a revelação cristãs, tentando uma síntese com elementos da filosofia grega ou utilizando-se de técnicas e conceitos da filosofia grega para melhor expor as verdades reveladas do Cristianismo. Esses pensadores ficaram conhecidos como os Padres da Igreja, dos quais o mais importante a escrever na língua latina foi Santo Agostinho."

COTRIM, Gilberto. Fundamentos de Filosofia: Ser, Saber e Fazer. São Paulo: Saraiva, 1996, p. 128. (Adaptado)

Esse primeiro período da filosofia medieval, que durou do século II ao século X, ficou conhecido como

- (A) Escolástica.
 - (B) Neoplatonismo.
 - (C) Antiguidade tardia.
 - (D) Patrística.
 - (E) Helenismo.
-

3. (UFU, 2000 - adaptada) "Assim até as coisas materiais emitem um juízo sobre as suas formas, comparando-as àquela Forma da eterna Verdade e que intuímos com o olhar de nossa mente."
 Sto. Agostinho, A Trindade, Livro IX, Capítulo 6. São Paulo, Paulus, 1994. p. 299

Esta frase de Sto. Agostinho refere-se à

- (A) teologia mística de Agostinho, que se funda na experiência imediata da alma humana com Deus;
 - (B) moral agostiniana que propõe ao homem regras para uma vida santa e ascética, apartada do mundo;
 - (C) doutrina da iluminação que afirma que o conhecimento humano é iluminado pela Verdade Eterna, isto é, Deus;
 - (D) estética intelectualista de Agostinho, que consiste num profundo desprezo pela sensibilidade humana.
 - (E) teoria maniqueísta.
4. (Unesp, 2016) Não posso dizer o que a alma é com expressões materiais, e posso afirmar que não tem qualquer tipo de dimensão, não é longa ou larga, ou dotada de força física, e não tem coisa alguma que entre na composição dos corpos, como medida e tamanho. Se lhe parece que a alma poderia ser um nada, porque não apresenta dimensões do corpo, entenderá que justamente por isso ela deve ser tida em maior consideração, pois é superior às coisas materiais exatamente por isso, porque não é matéria. É certo que uma árvore é menos significativa que a noção de justiça. Diria que a justiça não é coisa real, mas um nada? Por conseguinte, se a justiça não tem dimensões materiais, nem por isso dizemos que é nada. E a alma ainda parece ser nada por não ter extensão material?

(Santo Agostinho. Sobre a potencialidade da alma, 2015. Adaptado.)

No texto de Santo Agostinho, a prova da existência da alma

- (A) desempenha um papel primordialmente retórico, desprovido de pretensões objetivas.
 - (B) antecipa o empirismo moderno ao valorizar a experiência como origem das ideias.
 - (C) serviu como argumento antiteológico mobilizado contra o pensamento escolástico.
 - (D) é fundamentada no argumento metafísico da primazia da substância imaterial.
 - (E) é acompanhada de pressupostos relativistas no campo da ética e da moralidade.
-

5. (Enem, 2019) De fato, não é porque o homem pode usar a vontade livre para pecar que se deve supor que Deus a concedeu para isso. Há, portanto, uma razão pela qual Deus deu ao homem esta característica, pois sem ela não poderia viver e agir corretamente. Pode-se compreender, então, que ela foi concedida ao homem para esse fim, considerando-se que se um homem a usar para pecar, recairão sobre ele as punições divinas. Ora, isso seria injusto se a vontade livre tivesse sido dada ao homem não apenas para agir corretamente, mas também para pecar. Na verdade, por que deveria ser punido aquele que usasse da sua vontade para o fim para o qual ela lhe foi dada?

AGOSTINHO. O livre-arbítrio. In: MARCONDES, D. Textos básicos de ética. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

Nesse texto, o filósofo cristão Agostinho de Hipona sustenta que a punição divina tem como fundamento o(a)

- (A) desvio da postura celibatária.
- (B) insuficiência da autonomia moral.
- (C) afastamento das ações de desapego.
- (D) distanciamento das práticas de sacrifício.
- (E) violação dos preceitos do Velho Testamento.



6. (Enem PPL, 2015) Se os nossos adversários, que admitem a existência de uma natureza não criada por Deus, o Sumo Bem, quisessem admitir que essas considerações estão certas, deixariam de proferir tantas blasfêmias, como a de atribuir a Deus tanto a autoria dos bens quanto dos males. Pois sendo Ele fonte suprema da Bondade, nunca poderia ter criado aquilo que é contrário à sua natureza.

AGOSTINHO. A natureza do Bem. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005 (adaptado).

Para Agostinho, não se deve atribuir a Deus a origem do mal porque:

- (A) o surgimento do mal é anterior à existência de Deus.
 - (B) o mal, enquanto princípio ontológico, independe de Deus.
 - (C) Deus apenas transforma a matéria, que é, por natureza, má.
 - (D) por ser bom, Deus não pode criar o que lhe é oposto, o mal.
 - (E) Deus se limita a administrar a dialética existente entre o bem e o mal.
-

7. (UFU, 2008 - adaptada) Leia o trecho extraído da obra *Confissões*.

Quem nos mostrará o Bem? Ouçam a nossa resposta: Está gravada dentro de nós a luz do vosso rosto, Senhor. Nós não somos a luz que ilumina a todo homem, mas somos iluminados por Vós. Para que sejamos luz em Vós os que fomos outrora trevas.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões* IX. São Paulo: Nova Cultural, 1987. 4, 10. p.154. Coleção Os Pensadores.

Sobre a doutrina da iluminação de Santo Agostinho, marque a alternativa correta.

- (A) A irradiação da luz divina faz com que conheçamos imediatamente as verdades eternas em Deus. Essas verdades, necessárias e eternas, não estão no interior do homem, porque seu intelecto é contingente e mutável.
- (B) A irradiação da luz divina atua imediatamente sobre o intelecto humano, deixando-o ativo para o conhecimento das verdades eternas. Essas verdades, necessárias e imutáveis, estão no interior do homem.
- (C) A metáfora da luz significa a ação divina que nos faz recordar as verdades eternas que a alma possuía antes de se unir ao corpo.
- (D) A metáfora da luz significa a ação divina que nos faz recordar as verdades eternas que a alma possuía e que nela permanecem mediante os ciclos da reencarnação.
- (E) A metáfora da luz divina remete, em Santo Agostinho, ao momento em que a alma sai do mundo inteligível.

8. (UFU, 2004 - adaptada) “Quando, pois, se trata das coisas que percebemos pela mente (...). estamos falando ainda em coisas que vemos como presentes naquela luz interior da verdade, pela qual é iluminado e de que frui o homem interior.”

Santo Agostinho. *Do Mestre*. São Paulo: Abril Cultural. 1973. p. 320. (Os Pensadores)

Segundo o pensamento de Santo Agostinho, as verdades contidas na filosofia pagã provêm de que fonte? Assinale a alternativa correta.

- (A) De fonte diferente de onde emanam as verdades cristãs, pois há oposição entre as verdades pagãs e as verdades cristãs.
- (B) Da mesma fonte de onde emanam as verdades cristãs, pois não há oposição entre as verdades pagãs e cristãs.
- (C) De Platão, por ter chegado a conceber a ideia Suprema do Bem.
- (D) De Aristóteles, por ter concebido o Ser Supremo como primeiro motor imóvel.
- (E) Do epicurismo e sua teoria dos prazeres moderados pela razão.

9. (Enem, 2018) Não é verdade que estão ainda cheios de velhice espiritual aqueles que nos dizem: “Que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? Se estava ocioso e nada realizava”, dizem eles, “por que não ficou sempre assim no decurso dos séculos, abstendo-se, como antes, de toda ação? Se existiu em Deus um novo movimento, uma vontade nova para dar o ser a criaturas que nunca antes criara, como pode haver verdadeira eternidade, se n’Ele aparece uma vontade que antes não existia?”

AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

A questão da eternidade, tal como abordada pelo autor, é um exemplo da reflexão filosófica sobre a(s)

- (A) essência da ética cristã.
 - (B) natureza universal da tradição.
 - (C) certezas inabaláveis da experiência.
 - (D) abrangência da compreensão humana.
 - (E) interpretações da realidade circundante.
10. (Enem Digital, 2020) Sem negar que Deus prevê todos os acontecimentos futuros, entretanto, nós queremos livremente aquilo que queremos. Porque, se o objeto da presciência divina é a nossa vontade, é essa mesma vontade assim prevista que se realizará. Haverá, pois, um ato de vontade livre, já que Deus vê esse ato livre com antecedência.

SANTO AGOSTINHO. *O livre-arbítrio*. São Paulo: Paulus, 1995 (adaptado).

Essa discussão, proposta pelo filósofo Agostinho de Hipona (354-430), indica que a liberdade humana apresenta uma

- (A) natureza condicionada.
- (B) competência absoluta.
- (C) aplicação subsidiária.
- (D) utilização facultativa.
- (E) autonomia irrestrita.

Se liga!

Sua específica é humanas e quer continuar treinando esse conteúdo?
Clique [aqui](#) para fazer uma lista extra de exercícios.

Gabaritos

Exercícios de fixação

1. **C**

A obra *Confissões*, de Santo Agostinho é, talvez, a primeira autobiografia do Ocidente. Nela, ele narra toda a sua trajetória, anterior e posterior à sua conversão ao cristianismo.

2. **A**

A grande influência do neoplatonismo em Agostinho se deu, sobretudo, através das obras de Plotino e Porfírio. Ambos, como era comum à época, não se limitavam a traduzir os textos clássicos (Platão e Aristóteles), mas extraíam deles novas interpretações.

3. **C**

A união, feita por Agostinho, entre o pensamento grego e os dogmas cristãos é chamada de platonismo cristão. Note-se que nessa relação Agostinho preserva o cristianismo e adapta as teorias de Platão. Ou seja, as ideias platônicas é que devem se submeter à Bíblia, e não o contrário.

4. **A**

Tanto para Justino quanto para Agostinho, a razão, entendida como luz natural, é um dom divino e, por isso mesmo, precisa ser exercitada e aplicada. Tertuliano, por sua vez, condenava a conciliação entre razão e fé, bem como a conciliação entre o cristianismo e a filosofia grega. Para ele, ambas (razão e filosofia) eram fontes de heresia e não deviam ser incorporadas à doutrina cristã.

5. De acordo com Agostinho de Hipona, Deus não deu o livre-arbítrio para que o homem pecasse, o homem é que o utiliza de maneira desviante, isto é, para o mal. Esse desvio da vontade corresponde ao que Agostinho denomina de aversão. Ora, se a conversão significa "voltar-se para Deus", a aversão significa "dar as costas", ou "afastar-se de Deus". Assim, se Deus é o ser, afastar-se Dele é ir para o não ser, ou seja, para o nada. Dessa forma, o mal consiste apenas na privação do bem.

Exercícios de vestibulares

1. **D**

Na teoria platônica da reminiscência, a alma traz consigo o conhecimento da verdade, isto é, das ideias perfeitas e eternas que contemplou no mundo inteligível; porém, ao se unir ao corpo, ela se esquece desse conhecimento e, para acessá-lo novamente, precisa da dialética e da filosofia. Agostinho, por sua vez, descreve um processo muito semelhante, no qual, ao criar o homem, Deus lhe deu uma centelha divina, que nada mais é do que a verdade colocada no interior de sua alma. Mas a nossa natureza pecaminosa limita a razão, que precisa ser iluminada pela fé para ter acesso à verdade.

2. **D**

Patrística, do latim *pater*, que significa "pai", diz respeito ao surgimento da filosofia cristã e à atividade dos chamados "Pais da Igreja", bem como ao período de transição entre a Antiguidade e a Idade Média. Convém lembrar que não há consenso sobre as datas de início e término desse período, que pode variar entre o século I d.C. e o século XI d.C., que é quando surge a Escolástica.

3. **C**

A frase de Santo Agostinho se refere à doutrina da iluminação divina, segundo a qual Deus, ao criar o homem, lhe deu uma centelha divina, que nada mais é do que a verdade colocada no interior de sua alma. Porém, a sua natureza pecaminosa limita a razão, que precisa ser iluminada pela fé para ter acesso à verdade.

4. **D**

Para Agostinho de Hipona, se é da natureza humana pecar, essa natureza está materializada no corpo. A alma, que recebe a iluminação divina, deve reinar sobre o corpo, que tende à vontade e ao pecado. Sendo assim, a alma é superior ao corpo e deve, portanto, governá-lo.

5. **B**

Para Santo Agostinho, a verdadeira liberdade se manifesta no caminho em direção a Deus, pois servir e obedecer a Deus não é não ter livre-arbítrio, mas usar a racionalidade para ser abençoado pela graça. Pecar não é ser livre, pois o pecado escraviza a alma. Nessa perspectiva, o livre-arbítrio é a garantia de que Deus não interfere nas nossas escolhas. No entanto, todas as nossas ações serão, em algum momento, julgadas.

6. **D**

Opondo-se à ideia de que Deus, sendo fonte de todas as coisas, teria criado o mal, bem como à concepção maniqueísta, segundo a qual Bem e Mal existem enquanto entidades concretas, Agostinho contra-argumenta, basicamente, nos seguintes termos: primeiro, sendo Deus a fonte da Suprema Bondade, Ele jamais poderia criar o seu contrário, portanto o mal não é uma obra de Deus; segundo, o mal não possui existência real, pois é apenas a ausência do bem.

7. **B**

Para Santo Agostinho, a doutrina da iluminação corresponde à irradiação da luz divina que atua imediatamente sobre o intelecto humano, deixando-o ativo para o conhecimento das verdades eternas. Essas verdades, necessárias e imutáveis, estão no interior do homem. Por isso, ele nos diz “Não te dirijas para fora, regressa a ti mesmo; no homem interior habita a verdade (...)”

8. **B**

Para Agostinho, as verdades contidas na filosofia pagã provêm da mesma fonte de onde emanam as verdades cristãs, pois não há oposição entre as verdades pagãs e cristãs. Desse modo, todo conhecimento é por graça de Deus; mesmo os ateus e os pagãos só podem alcançar a verdade através da graça divina.

9. **D**

A questão da eternidade, tal como abordada no trecho destacado da obra de Santo Agostinho, diz respeito à abrangência da compreensão humana. Ou seja, Agostinho apresenta uma crítica com relação à tentativa de interpretação das ações divinas a partir do intelecto humano.

10. **A**

A discussão, proposta por Agostinho de Hipona, indica que a liberdade humana apresenta uma natureza condicionada. Note que, embora Deus preveja os nossos atos antecipadamente, Ele não interfere nas nossas escolhas. Por isso, o nosso livre-arbítrio está condicionado ao julgamento e, conseqüentemente, à punição divina.